

01

PESSOAS DE LIVRO. ESTUDOS SOBRE A PERSONAGEM. CARLOS REIS. 2015.

Angélica Maria Santana Batista
Luciana Moraes da Silva

Recebido em 15 set 2016.

Aprovado em 14 out 2016.

Angélica Maria Santana Batista - Atualmente está no Doutorado em Literatura Comparada na UERJ e é professora da Faculdade de Formação de Professores (FFP - UERJ) no Departamento de Letras. Mestre em Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Especialista em Estudos Literários e graduada em Letras/ Português - Literaturas também pela UERJ. Tem experiência na área de editoração de textos, com ênfase em Linguística, Letras e Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria literária, comparatismos, estudos da narrativa, teoria dos gêneros literários, literatura brasileira contemporânea, literatura portuguesa contemporânea, literatura galega contemporânea e literatura infanto-juvenil com artigos publicados nas referentes áreas. Participa do diretório de grupo de pesquisa do CNPq "Estudos Literários: outras linguagens; outros discursos". Participa como delegada suplente da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros (CADARA) e atua como educadora social em ONGs e eventos envolvendo a exaltação da negritude.

Luciana Moraes da Silva é Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil, sob a orientação do Professor

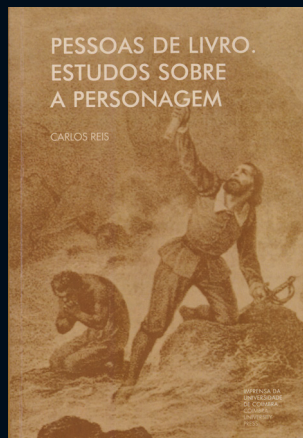
Doutor Flavio García, e Doutoranda em regime de cotutela da Universidade de Coimbra (UC), Portugal, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Reis. É Licenciada em Português - Literaturas pela Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ; Mestre em Letras (Literatura Portuguesa) pela UERJ, Brasil (2012), e em Letras Vernáculas (Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil (2012). Dentre os títulos que vem publicando, sejam como trabalhos completos em anais de eventos, artigos completos em periódicos, capítulos de livro ou livro, ressalte-se *Novas Insólitas Veredas: leitura de A varanda do Frangipani*, de Mia Couto, pelas sendas do Fantástico (Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013). Link de acesso ao CV_Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2847441618182578>.

Pessoas de Livro. Estudos sobre a personagem, constituído por um conjunto de ensaios, alguns deles antes publicados em separado em outras fontes, oferece ao seu leitor novos caminhos nos universos dos Estudos Narrativos. A reunião de textos centra-se nos processos de composição – figuração – de um “participante ficcional” (BARTHES, 1971) incontornável – a personagem, figura.

Carlos Reis apresenta processos de figuração de personagens, destacando variados elementos que interferem na composição dessa figura da narrativa, seja ficcional ou não.

O autor não se limita a encontrar “pessoas”, entes históricos, em narrativas literárias, senão que focaliza essas “pessoas”, na condição de compósito discursivo, em vários gêneros, subgêneros ou tipos narrativos que identifica – literários, fílmicos, teatrais, televisivos, cibernéticos etc. – no universo ficcional ou não.

“Figuras da Ficção” é um projeto de pesquisa coordenado pelo autor de *Pessoas de livro*, dentro da estrutura do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Conforme destaca Reis no prefácio do livro, muitas das reflexões de suas páginas conjugam discussões e momentos de aprendizado junto a seus coordenados e orientandos. O levantamento de modelos de construção de personagens, apresentados e discutidos na obra, é fruto de muitas dessas discussões travadas no CLP e em outros espaços em que Reis vem difundindo a pesquisa.



O percurso pela *figuração* de personagens, elaborado nas contraturas dos sete capítulos que compõem o livro, levam o leitor à imersão nos procedimentos empregados por diversos autores, em diferentes suportes e linguagens, de personagens de ontem e de hoje. Os caminhos pela transficcionalidade e transliterariedade permitem ao autor observar nuances de personagens transitando em instâncias narrativas do cotidiano – heróis forjados sob os holofotes do jornalismo esportivo, dos *media*, da vida contemporânea, em fluxos e refluxos de vinda e volta, entre fatural e o ficcional.

As narrativas, como demonstra Reis, insistem e persistem em toda a vida humana e social, com personagens outrora profundamente significativas nas searas do papel ganhando, hoje, outros contornos e novas cores, convidando a um percurso pela estruturação da personagem nos mundos possíveis. Segundo ele, as estruturas ficcionais, por vezes, seriam tão bem alicerçadas que, sobrepujando os mundos da ficção, as personagens poderiam ganhar identificação para além das páginas de um livro, serem “pessoas”.

No primeiro capítulo, o autor percorre os caminhos dos Estudos Narrativos, centrando-se na personagem como questão. O ensaio discorre sobre a *figuração* da personagem. Mais que apenas um conjunto descritivo ou listagem de atributos, a *figuração* apoia-se na ideia de que a personagem se delineia em uma dimensão funcional própria, podendo extrapolar os limites da narrativa e vir a ser motivo para atos transnarrativos e transliterários. Assim, o autor defende a *figuração* como processo discursivo, refletindo sobre a personagem em diversos suportes. As personagens seriam entidades dinâmicas que atravessam mundos.

Na sequência, Reis mergulha nos sentidos impressos na História e suas personagens, indo, mesmo, aos sentidos derivados da vida de um poeta como Camões, por exemplo. Sob os holofotes da História, Camões teria se tornado tão ficção quanto sua obra, fazendo com que o leitor seja capaz de ler para além do que o poeta escreveu. O ensaio centra-se especificamente em figuras históricas de escritores e sugere que haja uma perpétua atualização de personagens históricas por meio do imaginário que elas evocam. Mais que um escritor de seu tempo, Camões, tomado como exemplo, sobreviveria nos relatos sobre si e sua vida. Seja pela apresentação de quadros que representam Camões, seja pelas memórias evocadas em torno de sua existência, Reis convida o leitor a repensar a história em torno dos grandes escritores que se sobrepõem na história da literatura.

O terceiro capítulo engendra-se pela figuração da personagem realista, remetendo aos limites de sua composição “num determinado quadro periodológico” (2015, p.74). O texto se pauta em “dispositivos narrativos que articulam uma verdadeira retórica da personagem” (2015, p.80), fazendo dela um ser autônomo e identificável na narrativa, com função e atribuições delimitadas. A personagem apresentaria um conjunto de características e, ainda, uma hierarquia estruturada, compondo núcleos de personagens por meio da lógica coerente do romance de época.

Segundo Reis, a personagem Tomás de Alencar, definida como “epítome do romantismo” (2015, p.90), seria um exemplo da capacidade de projeção extra-ficcional de uma personagem realista. Marcada por um modelo de concepção engendrado, a personagem teria, como elemento referencial

em sua caracterização, a passagem do tempo, garantindo desdobramentos n'Os Maias. A personagem Alencar transitaria por mundos possíveis ficcionais e mundos referenciais de base, o que permitiria sua identificação com Bulhão Pato, ser da realidade exterior vivenciado pelo autor e seus coetâneos. As personagens como Alencar teriam sobrevidas para além da ficção, adentrando os limites da realidade quotidiana fatual e permanecendo tempos à frente no imaginário dos leitores.

Partindo da modalização ficcional construída pelo realismo, Reis propõe que se discutam, na continuidade, as figurações do insólito, revertendo o típico, tão caro aos moldes do realismo. Há, assim, um percurso pela problemática do insólito, admitindo uma literatura insólita em contraste com uma literatura realista – em outros momentos de sua vasta obra publicada, Reis defende que, em estudos literários, toda delimitação conceitual é operada, metodologicamente, por relações distintivas de pares opositivos. Ele reflete acerca da categoria personagem no que tange ao equacionamento entre a noção de típico e a categoria do tipo, defendendo que “é contra o típico que o insólito ousa afirmar-se como tal” (2015, p.106). Conforme destaca, a literatura do insólito seria capaz de corromper até a construção prototípica do conjunto formado pelas personagens comuns ao discurso fantástico. No percurso, orienta-se pelas marcas do realismo, percebendo os modelos de ruptura configurados nas literaturas do insólito. Tal percurso contribui para que se configurem os moldes de uma literatura que tem como marca recorrente a manutenção do mistério e do incongruente, com personagens construídas para sedimentar o sistema de contradições estruturadas.

No capítulo cinco, o autor mergulha nos caminhos da figuração e sobrevida de personagens. Uma das grandes questões levantadas seria: O que fica das personagens quando se chega ao final da leitura? Eis a primeira de muitas perguntas que originam o estudo de Reis. Ele aponta para o fato de que muitas personagens sobrevivem fora da narrativa, em espaços diferenciados com outros matizes. Recorrendo à metalepse, o autor se preocupa com a sobrevida das personagens a partir das transposições intermediáticas. No percurso pela sobrevida das personagens, responde aos seus próprios questionamentos, refletindo sobre a existência atemporal de seres de ficção. Como destaca, nos mundos possíveis, uma personagem poderia ganhar tanto destaque e tanta grandeza que, em sua existência no imaginário do leitor, deixaria a circunstância ficcional para se aventurar na vida cotidiana.

Nesse seguimento, Reis trata da personagem e da ficção meta-historiográfica, percorrendo a obra de José Saramago e como sua obra reverbera singularidades na arte de José Santa-Bárbara. Analisa a exposição *Vontades*. Uma leitura de Memorial do Convento, de José Santa-Bárbara. Enquanto o livro trabalha com a figuração de personagens históricas e ficcionais, nos quadros há a refiguração destas, em confronto com a leitura de cada sujeito, dando a noção de remediação, ou seja, a transposição intermediática da literatura para outros meios, o que condicionaria novos modos de leitura.

O último capítulo revela a paixão de Reis pelo futebol, deixando o gostinho das referências midiáticas da atualidade. Ele mergulha na figuração dos heróis dos *media*, forjados pelas narrativas do cotidiano e intertextos da imagem publicitária. Assim, discorre acerca da fenomenologia do herói desportivo. Essa fenomenologia

sustentar-se-ia nas várias narrativas formuladas em torno do futebol. São mundos de composição centrados em todos os *media* disponíveis em torno dos jogadores de futebol. Heróis das páginas da vida quotidiana, os jogadores seriam personagens de um novo tipo da biografia, tendo todos os movimentos fatalmente imortalizados pelo registro fotográfico.

O leitor perceberá que a obra evidencia novas questões e novos desafios inerentes aos Estudos Narrativos da atualidade. Mais do que a sistematização de determinada metodologia, *Pessoas de Livro* é um conjunto de reflexões que se nutre de inquietações e, como tal, nunca deixará nem seu autor, nem seus leitores, satisfeitos. Resta, portanto, aguardar novas reflexões e novas sobrevidas, que Carlos ainda trará à luz em breve.